Dia 19 — Santo Arsênio, Solitário, e Santas Justa e Rufina, Virgens e Mártires

Santo Arsênio, honra do deserto e uma das principais colunas da vida anacorética, como o apelidava São Jerônimo, nasceu em Roma de pais cristãos, de família senatória, não menos ilustre por sua antiguidade que por suas grandes riquezas. Desde menino levou-o a inclinação ao estudo das ciências, em que sobressaiu tanto por sua aplicação como pela delicadeza de seu engenho. Não conheceu os divertimentos pueris, reduzindo-se todos os seus ao estudo das letras gregas e latinas, e desde logo se notou nele um gênero de piedade muito superior a seus anos. Por sua vida verdadeiramente exemplar moveu-se o papa Dâmaso a admiti-lo no clero, ordenando-o diácono da igreja romana.

Serviu este novo grau para dar maior lustre a sua virtude, tornando-a mais visível; de maneira que mal se falava em Roma de outra coisa que dos exemplos, do talento e do mérito de Arsênio, ao tempo que o imperador Teodósio, o Grande, cuja residência era na corte imperial de Constantinopla, andava buscando por todo o império um sujeito dotado das prendas e talento correspondentes para dar a melhor educação a seu filho Arcádio, a quem acabava de associar ao império. Com este fim escreveu ao papa e ao imperador Graciano, os quais unanimemente convieram em que não era fácil encontrar outro mais a propósito que Arsênio. Custou trabalho reduzi-lo a que aceitasse este emprego, porque, inimigo do bulício e de tudo o que se chama fazer papel no mundo, temia os perigos da corte e todas as suas ânsias eram pela solidão; mas foi-lhe preciso obedecer. Recebeu-o Teodósio com a maior distinção, dando-lhe desde logo honras de senador; e, chamando o príncipe Arcádio, disse-lhe, assinalando Arsênio: «Este é vosso preceptor e vosso pai; respeitai-o como tal, pois com efeito lhe deverei mais a ele do que me deveis a mim.»

Entrou um dia o imperador no quarto do príncipe ao tempo que estava dando lição e, vendo sentado Arcádio e Arsênio em pé, manifestou seu desgosto; mas, representando-lhe Arsênio que, estando já o príncipe declarado Augusto e associado ao império, era muito devido este respeito, mandou o imperador a seu filho que tirasse as insígnias da majestade imperial e que, enquanto desse lição, estivesse o discípulo em pé e sentado o mestre.

Todos os meios de que Arsênio se valeu para que seu augusto discípulo se aproveitasse de suas cristãs e sábias instruções foram de pouco proveito, pela pouca inclinação do príncipe à virtude e pela desproporção de sua escassa capacidade para as letras. Indócil, altivo e de gênio tão impetuoso como dominante, ouvia com impaciência tudo o que tinha ar de correção ou de aviso; e, tendo sido preciso castigá-lo numa ocasião por certa falta considerável, resolvido a tomar

vingança, deu ordem a um oficial seu que o livrasse de Arsênio. Como era tão violenta para o santo a residência na corte, apenas se lhe deu aviso em segredo do que se passava, tomou a resolução de retirar-se, cuja execução foi acelerada por este sucesso. Estava um dia em oração pedindo ao Senhor com muitas lágrimas que se dignasse dar-lhe a entender o que devia fazer para salvar-se e ouviu uma voz que lhe dizia: «Arsênio, foge dos homens, e te salvarás.» Tomou logo seu partido: disfarçou-se o melhor que pôde, saiu ocultamente do palácio, encontrou uma embarcação que estava para fazer-se à vela, meteu-se nela e partiu para o Egito antes que se sentisse sua falta na corte nem se advertisse sua fuga.

Escolheu o famoso deserto de Esceté, tão célebre na história pela multidão de penitentes anacoretas que o santificaram. Este só primeiro passo de um gênero de vida tão contrária à que havia levado até então encheu de assombro os mais perfeitos. Logo que se viu em sua cela, suplicou ao Senhor que se servisse manifestar-lhe o caminho que devia seguir para ser santo e ouviu segunda vez uma voz que lhe disse: «Foge dos homens, guarda silêncio e vive desconhecido.» Nenhum solitário praticou com maior exatidão esta importante lição. Passaram-se muitos anos sem que se soubesse quem era. Esquecido inteiramente de que era sábio, humilhou seu entendimento até fazê-lo renunciar a toda outra ciência que a da salvação e a dos santos. Encerrado em sua cela, sepultou também nela todos os seus talentos. Invisível até aos mesmos monges, só se deixava ver na igreja, e então escondido atrás de algum pilar. Ocupava todo o tempo na oração vocal, na meditação da morte, do juízo e das verdades eternas, sem que as horas que empregava no trabalho corporal, fazendo cestinhas, interrompessem a íntima comunicação que tinha com seu Deus. Suas penitências excediam as dos demais monges; seu jejum era contínuo; seu sono de só duas horas; sua cama a dura terra; sua cabeceira uma pedra; e quanto à observância e distribuição da vida monástica, nenhum era mais fervoroso nem mais exato que ele.

A mesma admiração que causava a todos aquele solitário estrangeiro foi causa de que se descobrisse sua pessoa. Ninguém punha em dúvida que era algum grande personagem, e muitos suspeitavam se seria talvez aquele famoso Arsênio a quem o imperador havia mandado buscar por todas as partes com requintadas diligências. Enfim, examinaram-no, perguntaram-lhe, apertaram-no e mandaram-lhe formalmente os superiores que declarasse quem era, com o que não pôde escusar o descobrir-se. Informado o imperador Arcádio (que já havia sucedido a Teodósio) do lugar onde parava Arsênio, escreveu-lhe uma carta muito expressiva, dando-lhe certa espécie de satisfação pelo modo com que o havia tratado em outro tempo e fazendo-lhe magníficas ofertas: o santo não deu mais resposta que dizer ao oficial do imperador que nunca esqueceria aquele príncipe em suas orações; e isto foi tudo quanto lhe puderam tirar.

Estendida por todo o império a reputação de Arsênio, foi de Roma um oficial a levar-lhe o testamento de certo parente seu que o havia deixado por herdeiro universal. Perguntou-lhe o santo quando havia morrido aquele parente; e, respondendo-lhe o oficial que não havia um ano, replicou Arsênio: «Pois como hei de ser eu seu herdeiro, se morri mais de dez anos antes que ele?»

Nada foi capaz de entibiá-lo nem de fazê-lo afrouxar em suas primeiras resoluções. Dizia continuamente a si mesmo: «Arsênio, que vieste buscar no deserto? Para que deixaste o mundo? Em vão te fizeste monge, se não havias de ter o espírito de tal.» Concorreram muitos senhores da corte com a ânsia de vê-lo; mas não foi possível conseguir dele que lhes abrisse a cela. Colheu-o

de improviso nela Teófilo, patriarca de Alexandria, acompanhado de muita gente nobre, e rogou-lhe que lhes dissesse alguma palavra de edificação. «Senhor — disse-lhe Arsênio —, dais-me palavra de seguir o conselho que vos der?» «Eu ta dou — respondeu o prelado — em meu nome e no de todos estes cavalheiros.» «Pois o que vos digo é (continuou o santo) que, quando ouvirdes que Arsênio está em alguma parte, não vos tomeis o trabalho de ir lá.»

Com maior severidade tratou uma senhora romana que expressamente fez a longa viagem desde Roma ao Egito só por vê-lo. Esperou-o quando voltava a sua cela e, arrojando-se a seus pés, disse-lhe a dilatada viagem que havia empreendido só por encomendar-se a suas orações. «Melhor farias (respondeu-lhe Arsênio, aceso numa santa indignação), melhor farias em ficar em tua casa cuidando da família que Deus pôs a teu cargo e não vir turbar a quietude dos solitários.» E, como a senhora viu que lhe voltava as costas sem falar-lhe palavra, exclamou cheia de lágrimas: «Pois ao menos dá-me palavra de que te lembrarás de mim na presença do Senhor.» «Todo o contrário (replicou Arsênio); antes vou pedir a Deus de todo o coração que te apague para sempre de minha memória.»

Quebrantada sua saúde ao rigor de suas penitências, caiu enfermo. O sacerdote, que era como o superior dos solitários, deu ordem para que o levassem a uma das casas que estavam junto à igreja e que se lhe dispusesse uma humilde padiola com um travesseiro. Foi visitá-lo certo solitário e deu mostras de escandalizar-se. Perguntou-lhe o sacerdote que ofício havia tido no século. «O de pastor», respondeu o monge. «Pois sabe — replicou-lhe o superior — que este Arsênio, a quem vês deitado tão pobre e tão humildemente, foi um dos maiores senhores do império, criado com os regalos, delícias e magnificência da corte, e tu te escandalizas de que tenha um travesseiro? Considera que, quando tu te fizeste solitário, encontraste no deserto os regalos e as conveniências que não tinhas no século.»

Fizeram os bárbaros uma irrupção no deserto de Esceté, pela qual se viram obrigados a espalhar-se por diferentes partes os santos solitários; mas, logo que aqueles se afastaram, recolheu-os a todos Santo Arsênio e com seu exemplo renovou em todos o primitivo fervor. Desencadeou-se contra ele todo o inferno; mas em vão: espectros espantosos, uivos horríveis, de tudo se valeu para atemorizá-lo e para que cobrasse horror à solidão; muitas vezes o moeram a golpes os demônios; mas sempre os pôs Arsênio em vergonhosa fuga com a humildade, com a confiança em Deus e com a oração. Desde o primeiro dia que entrou no deserto até o último de sua vida, não afrouxou um ponto de seu primeiro fervor. As noites do sábado e do domingo as passava todas em oração com os braços em cruz e derramando muitas lágrimas.

Ocupava-o continuamente o pensamento da morte, tanto que, visitando-o o patriarca Teófilo quando estava para expirar, exclamou: «Ditoso Arsênio, que sempre teve a morte diante dos olhos!» Nem seu amor ao retiro nem sua profunda humildade lhe impediram nunca o receber com muito agrado todos os solitários que o iam buscar para ouvir seus salutares conselhos, falando-lhes com tanta afabilidade que saíam enamorados; e nunca lhes contava em seu nome o que a ele lhe havia sucedido, mas em nome de outro terceiro.

Disse-lhes um dia: «Certo solitário teve uma visão muito instrutiva; estava em oração dentro de sua cela e ouviu uma voz que lhe disse: Sai e verás o que fazem os homens; saiu e viu um etíope

muito negro que estava cortando lenha para fazer uma carga; tomou-a a peso e, vendo que não podia com ela, em vez de diminuí-la, cortava mais e mais lenha para fazê-la mais pesada; voltou os olhos para uma lagoa e advertiu que um homem estava tirando água dela a toda pressa, a qual lançava logo numa cisterna ou num tanque cheio de condutos e aberto por todas as partes, com o que toda a água se perdia; enfim, olhando para outra parte, viu dois homens a cavalo que entre os dois levavam sobre os ombros uma longa viga para metê-la num templo; e, empenhados em que nenhum havia de entrar primeiro que o outro, iam entrar emparelhados com a viga atravessada, e não cabia pela porta. Então lhe explicou a voz o que significava aquela visão. O que está cortando lenha e, vendo que pesa muito a carga, corta mais e mais lenha para fazê-la mais pesada, representa os que, estando carregados de pecados, em vez de confessar-se quanto antes e fazer penitência deles, cometem cada dia novas culpas e fazem mais pesada a carga. O que está tirando água e a lança numa cisterna rota significa os que trabalham muito e fazem também boas obras, mas sem proveito; porque as fazem por fins tortos e tudo perdem. Os dois que levam a viga sobre as costas e não podem entrar com ela no templo são imagem viva daqueles solitários vãos e presunçosos que na verdade carregam com todo o jugo da religião, mas por sua pouca humildade e rendimento nunca entram na Jerusalém celestial.»

O abade Daniel, discípulo de Santo Arsênio, refere um milagre que ouviu contar e do qual verossimilmente foi testemunha o mesmo santo. Havia um solitário já velho, homem inocente e muito mortificado, mas simples, que, deixando-se enganar das sugestões do demônio, duvidava se o corpo de nosso Senhor Jesus Cristo estava real e verdadeiramente na Eucaristia. Comunicou esta dúvida a outros dois solitários anciãos, os quais, por mais que fizeram para prová-lo e para demonstrar-lhe este artigo essencial de nossa fé, nunca o puderam convencer. Recorreram à oração e suplicaram ao Senhor que tivesse misericórdia daquele pobre velho. Ouviu-os sua piedade e, no domingo seguinte, estando todos juntos na igreja, como costumavam, logo que o sacerdote consagrou a hóstia deixou-se ver nela um menino de extraordinária formosura. Ficou assombrado o solitário incrédulo; e reconheceu o bom velho sua falta, detestou-a, avivou sua fé e manteve-se nela. Assim referiu este caso Santo Arsênio.

Quebrantada mais e mais a saúde do santo pela continuação de seus trabalhos e pelo rigor de suas penitências, conheceu que se aproximava seu fim e, dobrando sua devoção e seu fervor, fez extraordinários esforços para purificar sua consciência. Nunca resplandeceu mais sua humildade que naquele último momento; declarou a seus discípulos e a todos os solitários que estavam presentes o vivo desejo que tinha de que seu corpo estivesse tão escondido à notícia dos homens depois de sua morte como havia sempre anelado que o estivesse durante sua vida; e assim lhes ordenou que o enterrassem sem aparato e sem pompa em algum lugar desconhecido e retirado. Quando chegou a última hora, viram todos com assombro aquele grande servo de Deus todo estremecido e espantado com a proximidade do juízo de Deus; mas acalmaram logo estes temores e, cheia sua alma de consolos, alentada com a doce confiança no Senhor, expirou tranquilamente no dia 19 de julho do ano 449 , aos noventa e cinco de sua idade.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que segue.

> **Latim:** *Intercessio nos, quæsumus, Domine, beati Arsenii commendet; ut quod nostris meritis non valemus, ejus patrocinio assequamur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Suplicamo-vos, Senhor, que nos torne gratos a vossa divina Majestade a intercessão do bem-aventurado Arsênio, para que consigamos por sua intercessão o que não podemos por nossos merecimentos. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 45 do livro da Sabedoria (do Eclesiástico), e a mesma do dia 12, pág. 263.

Eclesiástico 45,1-6

> **Latim:** [1] Dilectus Deo et hominibus Moyses, cujus memoria in benedictione est. [2] Similem illum fecit in gloria sanctorum, et magnificavit eum in timore inimicorum, et in verbis suis monstra placavit. [3] Glorificavit illum in conspectu regum, et jussit illi coram populo suo, et ostendit illi gloriam suam. [4] In fide et lenitate ipsius sanctum fecit illum, et elegit eum ex omni carne. [5] Audivit enim eum, et vocem ipsius, et induxit illum in nubem. [6] Et dedit illi coram præcepta, et legem vitæ et disciplinæ, docere Jacob testamentum suum, et judicia sua Israël.

Português: [1] Moisés foi amado de Deus, e dos homens: Cuja memória está em bênção. [2] Fê-lo semelhante aos santos na glória, e engrandeceu-o com o terror que infundia a seus inimigos, e êle com as suas palavras aplacou os monstros. [3] Glorificou-o diante dos reis, e lhe prescreveu ordenações diante do seu povo, e lhe fêz ver a sua glória. [4] Pela sua fé e mansidão o santificou e o escolheu dentre toda a carne. [5] Porque o ouviu a êle, e a sua voz, e o fêz entrar na nuvem. [6] E lhe deu os seus preceitos cara a cara, e a lei da vida e da disciplina para ensinar o seu Testamento a Jacó, e os seus juízos a Israel.

Nota

«Nesta admirável obra junta o autor do Eclesiástico uma multidão de máximas e de instruções para todos os estados e condições do homem. Não se cinge precisamente ao moral; estende-se também ao civil e ao político; fala com todo gênero de pessoas e se tempera a suas diferentes necessidades.»

Reflexões

Será sempre bendita sua memória. Este é o privilégio especial da virtude cristã: imortalizar seus heróis, tornar sua memória respeitável a todas as idades. Qualquer outro título é insuficiente para juntar a bênção com a imortalidade. Nascimento ilustre, empregos elevados, engenhos superiores, sabedoria imensa, obras requintadas, façanhas grandes, empresas gloriosas, nome augusto, tudo aquilo que ocupa lugar na história, tudo serve de monumento à posteridade para lembrar-se de quando em quando do que foram alguns homens; mas nada disso basta para merecer a veneração dos povos. Somente daquelas grandes almas que se distinguiram por sua profunda humildade, por seu aceso amor de Deus, por sua pureza, por sua caridade e por seu zelo; somente dos santos se pode dizer com verdade que sua memória é em bênção. Pergunto: que veneração se tem aos Alexandres, nem aos Césares? Que respeito àqueles sábios, àqueles heróis, àqueles príncipes cujas menores faltas se publicam e talvez se exageram, de quem parece que só faz menção a história para eternizar seus vícios? Isto sem falar de um imenso número de homens ilustres, de homens verdadeiramente grandes, sepultados num eterno esquecimento, que nem se sabe se existiram jamais no mundo. Não sucede assim com a virtude cristã; enobrece todas as condições; dá verdadeiro mérito às pessoas; ela só vale por todas as dignidades; é indelével o esplendor que imprime nas ações mais ordinárias e abre caminho pela obscuridade do nascimento mais humilde e da vida mais retirada. Quem se teria jamais lembrado com admiração, com veneração, com os afetos mais respeitosos, mais cheios de confiança, dos que hoje são digno objeto de nossos reverentes cultos? Quem teria nunca notícia de que havia existido um Aleixo, um Isidro, uma pastora chamada Genoveva, se por sua santidade não se tivessem distinguido entre a multidão? Que papel fariam hoje na estimação dos homens os Henriques, os Luíses, os Fernandos, os Eduardos, os Canutos? O mesmo que fazem tantos outros imperadores, reis e soberanos que ocuparam os mesmos tronos; e os netos de seus próprios vassalos, de ordinário, nem sequer sabem que existiram. Desenganemo-nos: somente a virtude cristã, a inocência e a santidade imortalizam a memória, fazendo que se conserve em bênção.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas, e o mesmo do dia 18 .

Lucas 12,1-8

> **Latim:** [1] Multis autem turbis circumstantibus, ita ut se invicem conculcarent, cœpit dicere ad discipulos suos : Attendite a fermento pharisæorum, quod est hypocrisis. [2] Nihil autem opertum est, quod non reveletur : neque absconditum, quod non sciatur. [3] Quoniam quæ in tenebris dixistis, in lumine dicentur : et quod in aurem locuti estis in cubiculis, prædicabitur in tectis. [4] Dico autem vobis amicis meis : Ne terreamini ab his qui occidunt corpus, et post hæc non habent amplius quid faciant. [5] Ostendam autem vobis quem timeatis : timete eum qui, postquam occiderit, habet potestatem mittere in gehennam : ita dico vobis, hunc timete. [6] Nonne quinque passeres veneunt dipondio, et unus ex illis non est in oblivione coram Deo ? [7] sed et capilli capitis vestri omnes numerati sunt. Nolite ergo timere : multis passeribus pluris estis vos. [8] Dico autem vobis : Omnis quicumque confessus fuerit me coram hominibus, et Filius hominis confitebitur illum coram angelis Dei :

Português: [1] E COMO se tivessem ajuntado á roda de Jesus muitas gentes, de sorte que huns a outros se atropelavão, começou elle a dizer a seus discípulos: Guardai-vos do fermento dos Fariseos, que he a hypocrisia. [2] Porque nenhuma cousa ha oculta, que não venha a descobrir-se: e nenhuma ha escondida, que não venha a saber-se. [3] Porque as cousas que dissesest nas trévas, ás claras serão ditas: e o que fallastes ao ouvido no gabinete, será apregoado sobre os telhados. [4] A vós-outros pois, amigos meus, vos digo: Que não tenhais medo d'aquelles que matão o corpo, e depois d'isto não tem mais que fazer. [5] Mas eu vos mostrarei a quem haveis de temer: temei aquelle, que depois de matar, tem poder de lançar no inferno: sim eu vo-lo digo, temei a este. [6] Não se vendem cinco pardáes por douz reís, e nem hum d'elles só está em esquecimento diante de Deos? [7] E até os cabellos da vossa cabeça todos estão contados. Pois não temais: porque de maior valia sois vós-outros, que muitos pardáes. [8] Ora eu vos declaro: Que todo o que me confessar diante dos homens, tambem o Filho do homem o confessará ante os anjos de Deos:

Meditação

Da fuga do mundo

Primeiro ponto

Considera que isto que se chama mundo, o mundo, digo, que exerce um domínio tão despótico e tão tirano nos entendimentos e nos corações, falando com propriedade, não é outra coisa que esse buliçoso e atropelado conjunto de homens de diferentes gênios e de diversos gostos, os quais, não se acomodando com as máximas de Jesus Cristo, só têm por fim seus interesses, por regra suas paixões, por objeto de todos os seus anelos os bens, as honras e os gostos desta vida: gentes em quem de ordinário não se acha outro mérito que a arte de enganar; entre os quais aqueles se reputam por mais hábeis que sabem aproveitar-se melhor das desgraças alheias; aqueles se

consideram mais ditosos que têm maior manha para dissimular as próprias; é uma seita, por dizê-lo assim, composta de uns homens que, na maior parte, não se conhecem uns aos outros e, quando chegam a conhecer-se, então reciprocamente se desprezam; na qual todos fazem profissão de não ser devotos; e a favor desta confissão julgam-se com direito para zombar impunemente dos que o são; para fazer néscia chacota de tudo o que respira piedade; para fazer vaidade de suas desordens; e enfim para não ter religião senão por bem parecer. Nela reina a simulação universal, sendo esta a base sobre que se levantam todas essas brilhantes e pomposas aparências. Tributam-se uns aos outros mil lisonjeiros louvores, ao mesmo tempo que com um risinho zombador se faz troça dos simples que os creem. A retidão e a boa-fé olham-se como virtudes de tolos; a docilidade e a devoção têm-se por provas de gênios apoucados; as máximas dominantes todas são opostas à verdadeira sabedoria, todas contrárias à salvação. Este é o grande, o belo mundo, que presume ser árbitro da fortuna dos homens e, se se lhe há de crer a ele, dono absoluto da humana felicidade. E será possível que homens cristãos, homens de razão, amem tão cegamente este profano mundo até o excesso de fazer-se vis escravos seus? Ó bom Deus, que baixeza, que miséria a de servir a um amo tão indigno de mandar-nos, que jamais fez nem jamais poderá fazer senão infelizes e desditados a todos os que o servem! Achou-se nunca sequer um só homem que na hora da morte, naquela hora em que se faz juízo cabal de todas as coisas, se tivesse dado os parabéns de ter seguido as máximas do mundo, tão contrárias às máximas de Jesus Cristo? Coisa estranha! Confessa-se sem dificuldade que tudo é desdita no serviço do mundo, que é impossível ser inocente, que é impossível salvar-se seguindo suas máximas; e com tudo isso se seguem.

Segundo ponto

Considera que há entre os cristãos um mundo inimigo do cristianismo e condenado pelo mesmo Jesus Cristo. Este é aquele mundo que não conhece a Deus, segundo diz São João; que aborrece o Filho de Deus, como se queixa o mesmo Salvador: *Mundus me priorem vobis odio habuit.* Este mundo, embora na aparência seja cristão, tem o demônio por príncipe e por cabeça; compõe-se unicamente dos precitos e é aquele de quem disse Jesus Cristo que não tinha parte em suas orações, porque não se queria aproveitar delas: *Non pro mundo hoc rogo.* Aquele mundo que o mesmo Salvador venceu na cruz, contra o qual declamaram todos os santos e ele por sua parte a todos perseguiu. Ser deste mundo e ser do número dos réprobos; amá-lo e declarar-se inimigo de Deus é uma mesma coisa: *Quicumque voluerit esse amicus sæculi hujus, inimicus Dei constituitur*, diz o apóstolo Tiago. Pois haverá porventura em que deliberar se se há de fugir ou não de um mundo tão réprobo? Não pede Deus a todos os fiéis o mesmo valor nem a mesma virtude que teve um Santo Aleixo; são esses uns prodígios da graça que se obram raras vezes. A ninguém impõe Deus a obrigação de abandonar o povoado e retirar-se a um deserto, nem a de deixar o mundo e abraçar a vida religiosa; mas é indispensável obrigação de todo cristão seguir as máximas de Jesus Cristo, tão contrárias às máximas e ao espírito do mundo; é obrigação de todo cristão que vive em meio dele renunciar inteiramente seu espírito; perpetuamente há de estar alerta contra todos os seus laços e artifícios; poucos afagos seus há que não estejam envenenados; são mister muitos preservativos para livrar-se de seu contágio; há de viver-se em meio do mundo como em país inimigo. Esses perigos da salvação tão frequentes, tão dignos de temer-se, de que está semeado o mundo, esses são os que povoaram os desertos e os claustros. E nada terão que temer os que

ficaram dentro do mundo? E poderão familiarizar-se com suas máximas sem risco e com segurança? E esperarão conseguir a salvação vivendo uma vida mundana?

Não, meu Deus, não é possível servir a dois senhores; e por isso eu não lhes quero servir. O mundo, este mundo que vós condenastes, é vosso inimigo; também o será meu de hoje em diante. Não, já não terão autoridade em minha estimação suas perniciosas máximas. Vós, Senhor, sois meu único e meu divino dono, e de hoje mais não servirei a outro.

Jaculatórias

> *Averte oculos meos ne videant vanitatem: in via tua vivifica me.* Sl 118.

Aparta, Senhor, meus olhos das frívolas vaidades de que está cheio este mau mundo e faze-me andar pelo caminho que guia diretamente a ti.

> *Verumtamen universa vanitas, omnis homo vivens.* Sl 38.

Verdadeiramente que tudo quanto há neste mundo é vaidade.

Propósitos

1. É o mundo um teatro onde os homens zombam uns dos outros. Aquele está representando ao público uma cena ridícula e pensa que todo o mundo o admira. Não poucas vezes aqueles que olham com certo gênero de lástima e de desprezo os demais são eles mesmos os mais desprezíveis e efetivamente os mais menosprezados. Começando-se a conhecer o mundo, já não se faz caso dele; mas a lástima é que de ordinário se andaram já muitas jornadas antes de cair em conta e de conhecer qual era o caminho mais direito. Muitos não começam a apartar-se do mundo até que o mesmo mundo se aparta deles; outros vão atrás dele quando ele lhes volta as costas. Horroriza-te e envergonha-te de semelhante fraqueza; conhecer o mundo e amá-lo, certamente, é espécie de loucura. Se te fixou a Providência no mundo, conserva-te nele sem ser mundano; vive dentro dele sem que se te pegue seu espírito nem te faças parcial de suas máximas. Faze igual desprezo de estar em sua amizade que de estar em sua desgraça. Não te faças escravo de suas modas extravagantes. Sê em boa hora atento, cortesão, bem-educado e cumpre todas as obrigações da urbanidade; mas mostra-te em tudo bom cristão e faze gloriosa profissão de parecê-lo.

2. Foge de todas as concorrências mundanas em que reina com império o espírito mais refinado do mundo e em que este desdobra o mais lisonjeiro e o mais perigoso que tem. Nelas nunca está a coberto a inocência, e a virtude mais bem pertrechada perde sempre muito de seus direitos e de seu lustre. Diz-se que os moços devem ver o mundo; mas, se esse mundo é contagioso, se está cheio de laços, se o comércio com o mundo corrompido é fatal escolho da inocência, será boa escola para a gente moça? Faze a teus filhos as pinturas mais vivas que puderes deste senhor imaginário, até que toquem com a mão a vaidade, a falsa brilhantura, o nada deste ídolo a quem somente os néscios e os dissolutos dobram o joelho, oferecem votos e queimam incenso. Uma mãe cristã nunca deve permitir que seus filhos frequentem essas escolas de profanidade e dissolução. Que desordem, que escândalo é ver dentro delas pessoas consagradas a Deus e talvez os mesmos sacerdotes! Até nas casas religiosas se costuma insinuar o espírito do mundo. Depois de se ter feito tanto ruído para deixá-lo, há quem ainda o chame a seu retiro. Se abraçaste o estado religioso, estima-te feliz por ver-te distante da Babilônia: triste de ti se ainda conservas inteligência com seus habitantes. Não basta que um religioso tenha deixado o mundo, é preciso que perca até sua memória.

Santas Justa e Rufina, Virgens e Mártires

Sevilha, cidade ilustre entre as que enobrecem a Espanha, tanto pelos ricos dons com que a favoreceu a natureza como pelas virtudes morais em que em todos os tempos resplandeceram seus cidadãos, tem a glória de ter sido fecunda mãe de santos que ilustraram a Igreja, não somente com sua santa vida, mas também com sua sabedoria e com seu sangue. Sem fazer conta das falsas glórias que lhe atribuíram os modernos cronicões, tem-nas tão verdadeiras que desde o princípio do cristianismo até o presente há poucas cidades na Espanha que a igualem e nenhuma que a exceda. Sua cadeira foi ocupada dos mais santos e sábios prelados que teve nossa Igreja; seus contornos habitados de monges penitentes que aliavam o cultivo das letras com a disciplina religiosa; e por último suas ruas foram regadas diferentes vezes com o precioso sangue dos mártires de Jesus Cristo.

Entre estes têm o primeiro e mais distinguido lugar as santas virgens e mártires Justa e Rufina, espelho de castidade, testemunhas invencíveis da religião do Crucificado e imortal glória de sua pátria e de toda a Espanha. Não as dotou o céu daqueles bens naturais que tanto dominam o coração dos homens. Honras e riquezas, aqueles dois eixos sobre que gira igualmente o coração humano, negou-lhas o céu, concedendo-lhes outros bens menos ruidosos, mas de proveito mais seguro. Seus pais eram pobres e da classe ordinária do povo; mas Deus os havia prevenido com as bênçãos de sua graça, chamando-os à religião de Jesus Cristo e esclarecendo seu entendimento com as luzes formosas da fé. Tinham o ofício de oleiro, mantendo sua vida com o suor de seu rosto por meio desta humilde ocupação. Estava a esse tempo Sevilha em poder de idólatras, que tais eram os romanos cuja dominação sofriam. Não somente prevalecia nesta cidade o rito supersticioso que se tributava às mudas obras dos homens, mas além disso dominavam todos os

vícios, como em cidade rica e opulenta e que, aos incentivos de corrupção que haviam introduzido nela seus conquistadores, acrescentava a proporção com que a havia dotado a mesma natureza. Conservavam-se as duas benditas irmãs em meio da contaminação na santidade e pureza de costumes em que as haviam criado seus pais, praticando com a maior exatidão as máximas do Evangelho. Todo o seu cuidado o empregavam em sua própria santificação e em benefício de seus próximos. Vendiam os vasos de barro sem prejudicar jamais a justiça, não pretendendo enriquecer-se adquirindo uns bens tão perecíveis e caducos como a mesma fortuna, mas unicamente sustentar sua vida com a honestidade e temperança que prescreve a santa religião que professavam. Exercitavam-se nas obras de piedade e misericórdia, repartindo com generosidade aos pobres o que lhes sobrava depois de seu preciso mantimento.

Assim viviam estas duas servas de Jesus Cristo, lavrando-se uma coroa de merecimentos em meio de uma cidade de idólatras, quando chegou o tempo em que estes celebravam a festa da deusa Salambó. Com este nome significavam Vênus quando lhe davam culto em memória da morte de Adônis.

Fazia-se esta festa com grande pompa e aparato, levando as mulheres nobres em seus ombros o ídolo da deusa pelas ruas da cidade, acompanhadas de uma grande comitiva que com tristes gemidos e ademãs de dor significava a que teve a deusa Vênus na morte de seu enamorado. Semelhante superstição introduziram em Sevilha as gentes do Oriente que se estabeleceram na Espanha, trazendo consigo um rito que, segundo Lamprídio, chegou também a contaminar Roma, pois afirma que Heliogábalo ofereceu sacrifícios a Vênus segundo o costume dos sírios, entre quem se celebrava principalmente esta divindade com o nome de Salambó. Ao tempo que iam pelas ruas com o ídolo da deusa, pediam às gentes que encontravam esmola para custear a festividade e tornar mais solenes e magníficos os sacrifícios. Chegaram, pois, à loja das duas santas irmãs; e, tendo-lhes pedido que contribuíssem com suas ofertas à profana festividade, as santas o recusaram. Como estavam bem instruídas na religião cristã, sabiam que não lhes era lícito cooperar por sua parte àqueles imundos sacrifícios nem fazer-se participantes da idolatria com que aquelas mulheres adoravam a deusa. Responderam, pois, que elas não adoravam senão um só verdadeiro Deus, criador dos céus e da terra, e a seu Filho Jesus Cristo, que se havia feito homem para libertar o gênero humano das cadeias da culpa; que aquele ídolo que traziam com tanta pompa e festejo e a quem tributavam suas adorações era insensível, sem vida nem virtude alguma e obra somente do demônio, digna de desprezo e abominação. Ao ouvir estas razões, sobressaltaram-se de tal maneira as mulheres que levavam o ídolo e se indignaram com tanta fúria que deixaram cair de seus ombros o simulacro, com cujo golpe romperam grande parte das vasilhas que formavam o cabedal das santas. Estas, movidas menos da perda que padeciam que do horror de ver em sua casa o ídolo, pegaram-no com suas mãos e, arrojando-o com desprezo, fizeram-no em muitos pedaços. Esta ação comoveu a todos os gentios, tanto homens como mulheres, os quais, vendo abatido e destroçado o objeto de suas festividades e adorações, lamentaram-se tristemente e, acesos em furor, começaram a clamar que Justa e Rufina eram umas mulheres sacrílegas, que devia executar-se nelas uma horrorosa vingança e que o infame atentado que acabavam de cometer as constituía réus da morte mais cruel e afrontosa.

Estas vozes se difundiram de tal modo que chegaram aos ouvidos do presidente de Sevilha, que a esse tempo era um tal Diogeniano. As queixas pareceram-lhe tão justas e a ação das santas tão

digna de castigo que imediatamente deu ordem para que as prendessem. Viviam as duas virtuosas irmãs fora da cidade, perto do rio, em frente da antiga porta de Triana, onde se edificou um hospital que no ano de 1584 foi reformado juntamente com outros. Executou-se imediatamente o decreto de prisão e, conduzidas diante do juiz, fez-lhes este o interrogatório segundo o costume, expondo-lhes a temeridade do que haviam executado, perguntando-lhes de sua religião, propondo-lhes grandes tormentos se persistissem nela e grandes recompensas se a abjurassem e oferecessem incenso às divindades da gentilidade.

As santas, firmes na fé que haviam professado no batismo, detestaram com valor as iníquas propostas do presidente, certificando-lhe de que estavam prontas a derramar seu sangue pela religião de Jesus Cristo. Persuadiu-se o presidente de que aquela constância mulheril não teria tanta fortaleza e estabilidade que permanecesse no rigor dos tormentos; e assim mandou que as pusessem no eculeo e as dilacerassem com garfos de ferro. Executou-se a ordem e, entre as dores de tormento tão cruel, não somente perseveravam constantes na fé que antes haviam confessado, mas, à proporção que se aumentavam as penas e a crueldade dos verdugos, crescia também a fortaleza de seus ânimos; de modo que se advertia uma alegria celestial nos rostos das santas virgens. Vendo o juiz que todos os seus tormentos eram inferiores à constância das santas mártires e que estas viam com indiferença correr o sangue de seus virginais corpos e lacerar seus membros com os garfos, julgou que por então não podia tirar nenhum partido nem contrastar sua firmeza. Tomou tempo, conceituando que com a lentidão das penas encontraria algum momento favorável em que pudesse vencer os corações das santas e movê-las a abandonar a religião de Jesus Cristo e adorar os deuses. Com esta persuasão mandou devolvê-las ao cárcere e que ali fossem atormentadas não somente com a lobreguez, mas com a fome, para que, debilitadas as forças do corpo, decaíssem também as do espírito, que tão robustas e invencíveis se haviam manifestado. Todos os conselhos da prudência humana são débeis e falazes contra os desígnios e operações da divina Providência e contra os auxílios com que a graça divina fortalece os eleitos. Em meio dos horrores de um calabouço e entre as penosas aflições da fome e da sede, mantiveram-se as santas com a mesma constância que antes haviam manifestado, recebendo do céu uns gozos inefáveis que as sustentavam mais vigorosamente que todos os alimentos terrenos.

Entretanto, o astuto presidente, não podendo persuadir-se de que nos peitos de duas mulheres débeis pudesse caber a fortaleza necessária para superar todos os ardis da crueldade, meditava novos modos de atormentar as santas, crendo que por fim cederiam do que julgava obstinação e abraçariam o partido que lhes havia proposto. Com este pensamento, tendo precisão de passar a um lugar da Serra Morena, mandou que com o resto de sua comitiva o seguissem as duas irmãs descalças de pé e perna. Imaginava que esta operação poderia surtir um grande efeito. As santas achavam-se sumamente debilitadas pelo sangue que haviam vertido no tormento dos garfos; a fome e a sede haviam aumentado a fraqueza de suas forças corporais; uma viagem penosa e acelerada lhes havia de ocasionar uma nova e insuportável fadiga; os caminhos ásperos e fragosos haviam de lastimar seus pés até chegar a ensanguentá-los; todo o conjunto de tristes circunstâncias lhe prometiam uma segura vitória. Mas Justa e Rufina, acesas em amor de Jesus Cristo e fortificadas com sua divina graça, sofreram este novo tormento com uma fortaleza nada inferior à que haviam mostrado no eculeo. Cada passo que davam lhes aumentava o gozo de padecer pela fé daquele Senhor que caminhou ao monte Calvário carregado com os pecados do mundo. Os caminhos que para o presidente e sua comitiva estavam cobertos de asperezas e

fragosidades pareciam às santas semeados de rosas e de flores. Conheceu, pois, o presidente a inutilidade de suas astúcias e assim mandou que as devolvessem ao cárcere de Sevilha, onde estivessem aferrolhadas com o tormento, além da lobreguez e da inanição. A virgem Santa Justa, oprimida de um tormento tão terrível, chegou a perder as forças e debilitar-se tanto que exalou seu puríssimo espírito, recebendo a um mesmo tempo as duas coroas, de virgem e de mártir. Logo que chegou à notícia do juiz a morte de Santa Justa, mandou que lançassem seu cadáver num poço profundo que havia no mesmo cárcere, para impedir deste modo que os cristãos lhe tributassem aquelas honras que sabia costumavam dar aos que morriam em defesa de sua religião. No sítio que ocupou antigamente este cárcere edificou-se depois o convento da Santíssima Trindade, onde se conserva ainda uma cova dividida em dois ramais, e no extremo de um existe o poço, cuja água bebem os sevilhanos com muita fé pelos benefícios que com ela têm experimentado em suas enfermidades. Neste mesmo sítio, cujo horror serviu de tormento às duas santas irmãs, edificou depois a piedade um altar em honra sua, onde seu nome é bendito. O bispo de Sevilha que vivia então, chamado Sabino, apenas soube da morte da santa e da determinação do presidente, procurou por todos os meios possíveis tirar o sagrado corpo do poço para dar-lhe honorífica sepultura, como com efeito o conseguiu. Foi enterrado este precioso tesouro no cemitério que para este efeito havia perto da cidade, ao qual chamam hoje Prado de Santa Justa, não longe de seus muros pela parte do nordeste. Com a falta de sua irmã ficou Santa Rufina de algum modo entristecida, porque mutuamente se animavam à constância no martírio; mas ao mesmo tempo se confortava seu coração considerando a imarcescível coroa da glória que já gozava sua irmã em prêmio de uns tormentos tão passageiros.

Vendo o tirano que Rufina havia ficado só e contemplando que seria mais fácil vencê-la que quando estava acompanhada, determinou acometer sua constância com novos tormentos. Mandou levá-la ao anfiteatro e lançar-lhe um leão furioso, com o desígnio de que ou a santa se amedrontasse e mudasse de parecer, ou de que, em caso contrário, pagasse sua tenacidade despedaçada entre as sangrentas unhas da fera.

Executou-se assim; mas, ó maravilhas da divina Onipotência! Quando todos esperavam que o feroz leão despedaçasse num momento a santa virgem, esquecido o bruto de sua natural ferocidade, aproximou-se da santa afagando-a com a cauda e manifestando mais brandura de condição que a que tinham os homens. Sobressaltaram-se de admiração quantos assistiam ao espetáculo, e acendeu-se em raivosa cólera o iníquo presidente vendo frustrados seus desígnios. Mandou aos verdugos que ali mesmo lhe tirassem a vida, o que se executou rompendo-lhe o cérebro e o pescoço, em cujo tormento entregou sua alma ao Criador. Não contente com isso, a ira de Diogeniano determinou que queimassem o sagrado cadáver, para que, assim como o de sua irmã havia sido subtraído à veneração dos fiéis lançando-o num poço, da mesma maneira se lograsse igual efeito com o de Santa Rufina por meio do fogo. Mas o bispo Sabino venceu com sua piedade a malignidade do presidente; pois, recolhendo as cinzas, deu-lhes honorífica sepultura no mesmo sítio em que estava depositada Santa Justa. Sucedeu o glorioso martírio destas duas santas em 17 de julho. Os fiéis lhes tributaram desde logo culto como a mártires, segundo se prova do códice Veronense e dos templos antiquíssimos dedicados a Deus com a invocação destas santas virgens e mártires. Os breviários antigos testificam que São Leandro foi enterrado no templo que estas duas santas tinham em Sevilha. O de Santa Justa é famoso e antiquíssimo em Toledo, e o primeiro entre

todos os moçárabes. São celebradas igualmente estas santas em outras muitas cidades da Espanha; mas, embora em outro tempo tivessem seu rezo próprio não só em nossa península mas também na Gália Narbonense, com o transcurso dos tempos se havia entibiado em parte este culto, até que, insinuando o reverendíssimo padre mestre Flórez ao senhor conde de Mejorada, dom Jerônimo Ortiz de Sandoval, o estranho que era não ver-se no breviário da Espanha a memória destas santas, fizeram-se as correspondentes diligências e, a petição do rei católico, concedeu a sé apostólica que se celebre em todos os seus domínios sua festividade com rito duplo e no bispado de Sevilha com ofício de primeira classe e com oitava. Fernando, o Grande, rei de Leão, intentou que se trasladasse o corpo de Santa Justa a esta cidade no tempo em que Sevilha estava dominada pelos mouros. Enviou para este efeito o bispo de Leão, Alvito, acompanhado de Ordonho, bispo de Astorga, do conde Múnio e muitos soldados; mas numa visão que teve Alvito foi-lhe dito que a virgem e mártir Santa Justa devia ficar por vontade de Deus para o amparo e proteção de Sevilha.

Martirológio Romano

A festa de Santo Epafras, a quem o apóstolo São Paulo chama companheiro de cativeiro. Tendo sido sagrado bispo de Colossos pelo mesmo apóstolo e sendo célebre por suas virtudes, recebeu no mesmo lugar a palma do martírio depois de um vigoroso combate em defesa dos fiéis que lhe haviam sido confiados. Seu corpo foi depositado em Roma dentro da basílica de Santa Maria Maior.

Em Sevilha, na Espanha, o martírio de Santa Justa e de Santa Rufina, virgens, que, tendo sido presas pelo presidente Diogeniano, foram primeiro postas no potro e dilaceradas com unhas de ferro e logo encarceradas, atormentadas de diferentes maneiras e mortas de fome: Justa morreu no cárcere. A Rufina, constante sempre na confissão da fé do Senhor, acabaram de matá-la esmagando-lhe a cabeça.

Em Córdoba, Santa Aura, virgem, que, tendo primeiro caído durante a perseguição, arrependida logo de sua fraqueza, voltou ao combate, em que saiu triunfante de seu inimigo, derramando todo o seu sangue pela fé.

Em Tréveris, São Martinho, bispo e mártir.

Em Roma, São Símaco, papa, que, tendo sido hostilizado muito tempo pelos cismáticos, rendeu por último seu espírito ao Criador, consumado em santidade.

Em Verona, São Félix, bispo.

Em Esceté, monte do Egito, Santo Arsênio, diácono da igreja romana, que, retirado no tempo de Teodósio a uma solidão, morreu nela modelo cabal de todas as virtudes cristãs, tendo alcançado o dom de lágrimas.

Na Capadócia, Santa Marina, virgem, irmã de São Basílio, o Grande, e de São Gregório de Nissa.

Em Autun, São Rético, bispo daquela cidade, mencionado pelo imperador Constantino em sua carta ao papa Melquíades e encomiado pelos três padres da Igreja São Jerônimo, Santo Agostinho e Santo Optato de Milevi.

Em Lyon, São Rústico, presbítero.

Em Constantinopla, São Dió, apelidado o Taumaturgo, antioqueno, fundador de um mosteiro sob a regra dos acemetas.

Em Salines, na Calábria, Santo Elias, monge de São Basílio, nome dado a uma caverna do monte de Palma.

Em Eichstätt, na Francônia, Santa Stila, virgem.

Missa (oração)

A missa é em honra das santas, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui virtutem tuam in vasis fictilibus, etiam fragilis sexus, recondens, sanctis virginibus, et martyribus tuis Justæ et Rufinæ mirabilem fidei constantiam tribuisti: da nobis earum patrociniis in tuo amore perseverare, et ad cælestem coronam pervenire. Per Dominum nostrum...*

Português: Ó Deus, que, depositando vossa virtude em vasos de barro, ainda de frágil sexo, destes uma admirável constância na fé a vossas santas virgens e mártires Justa e Rufina, concedei-nos por sua intercessão que perseveremos em vosso amor e mereçamos chegar à coroa eterna que nos tendes preparada. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 7 da primeira do apóstolo São Paulo aos Coríntios.

1 Coríntios 7,25-34

> **Latim:** 25 De virginibus autem præceptum Domini non habeo : consilium autem do, tamquam misericordiam consecutus a Domino, ut sim fidelis. 26 Existimo ergo hoc bonum esse propter instantem necessitatem, quoniam bonum est

> homini sic esse. [27] Alligatus es uxori ? noli quærere solutionem. Solutus es ab uxore ? noli quærere uxorem. [28] Si autem acceperis uxorem, non peccasti. Et si nupserit virgo, non peccavit : tribulationem tamen carnis habebunt hujusmodi. Ego autem vobis parco. [29] Hoc itaque dico, fratres : tempus breve est : reliquum est, ut et qui habent uxores, tamquam non habentes sint : [30] et qui flent, tamquam non flentes : et qui gaudent, tamquam non gaudentes : et qui emunt, tamquam non possidentes : [31] et qui utuntur hoc mundo, tamquam non utantur : præterit enim figura hujus mundi. [32] Volo autem vos sine sollicitudine esse. Qui sine uxore est, sollicitus est quæ Domini sunt, quomodo placeat Deo. [33] Qui autem cum uxore est, sollicitus est quæ sunt mundi, quomodo placeat uxori, et divisus est. [34] Et mulier innupta, et virgo, cogitat quæ Domini sunt, ut sit sancta corpore, et spiritu. Quæ autem nupta est, cogitat quæ sunt mundi, quomodo placeat viro.

Português: [25] Quanto porém às virgens, não tenho mandamento do Senhor: mas dou conselho, como quem do Senhor tem alcançado misericordia, para ser fiel. [26] Entendo pois que isto he bom por causa da instant necessidade, porque he bom para o homem o estar assim. [27] Estás ligado á mulher? não busques soltura. Estás livre de mulher? não busques mulher. [28] Mas se tomares mulher, não peccaste. E se a virgem se casar, não peccou: todavia os taes padecerão tribulação da carne. E eu quizera poupar-vos a ella. [29] Isto finalmente vos digo, irmãos: O tempo he breve: o que resta he, que não só os que tem mulheres, sejam como se as não tivessem: [30] mas tambem os que chorão, como se não chorassem: e os que folgão, como se não folgassem: e os que comprão, como se não possuissem: [31] e os que usão d'este mundo, como se d'elle não usassem: porque a figura d'este mundo passa. [32] Quero pois que vós vivais sem inquietação. O que está sem mulher, está cuidadoso das cousas que são do Senhor, de como ha de agradar a Deos. [33] Mas o que está com mulher, está cuidadoso das cousas que são do mundo, de como ha de dar gosto a sua mulher, e anda dividido. [34] E a mulher solteira, e a virgem, cuida nas cousas que são do Senhor, para ser santa no corpo, e no espírito. Mas a que he casada, cuida nas cousas que são do mundo, de como agradará ao marido.

Reflexões

Uma das virtudes mais necessárias para conseguir a perfeição da vida cristã é o desapego e abandono das coisas temporais. Isto é o que clama mais frequentemente o Evangelho. Esta virtude é a mais recomendada nos livros sagrados e pela qual, unidos em seus sentimentos, os varões apostólicos têm clamado continuamente em seus sermões e discursos. São Paulo, na epístola deste dia, depois de ter recomendado aos Coríntios a virtude da virgindade, dirige sua persuasão a fazer-lhes ver que, para consegui-la, devem fazer-se cargo de que este mundo não é outra coisa que uma aparência, uma ilusão, uma fantasma. Assim os exorta a que aqueles que estão casados se portem de tal modo na moderação de seus afetos e no regramento de seus costumes como se não o estivessem; os que padecem alguma perseguição ou vaivém da fortuna, de maneira que,

embora o natural sentimento lhes banhe os olhos em lágrimas, os recebam com resignação ou indiferença. O mesmo diz aos que desfrutam as delícias mundanas, aos que possuem bens de fortuna e por último aos que, entregues aos passatempos e bens que oferece o mundo, parece que o fizeram único objeto de seus desejos. A todos clama que tenham entendido que nada disto é durável, que passa a figura e aparência deste mundo e por conseguinte que só se pode esperar estabilidade e firmeza no seio da virtude.

Com quanta razão diga o Apóstolo todas estas sentenças e quanta verdade seja a desta doutrina, perceberá qualquer um que, desembaraçado das preocupações dos sentidos, reflita em si mesmo nos instantes de felicidade que teve enquanto não seguiu o estandarte da virtude. Os bens de fortuna, os grandes empregos, as honras e as dignidades, ainda quando se desempenhem justamente, não fazem outra coisa que dividir o espírito do homem. O desejo de agradar a Deus, a necessidade de cumprir seus preceitos e os meios necessários para verificar esta obrigação o chamam por uma parte. Deus, por si mesmo, é um objeto muito maior e de infinita mais extensão que todos os afetos e faculdades de nossa alma. Nele se empregam dignamente e, quando uma vez se chega a provar aquela imensa torrente de delícias, angustia-se o espírito se se vê por outra parte obrigado a separar-se delas, ainda que seja por breve tempo. A atenção àqueles cuidados e cargos que trazem consigo as dignidades, as honras e a reta administração dos bens de fortuna faz que a alma se distraia da pura contemplação de seu Deus. Por isso diz São Paulo que o que está casado tem precisão de atender às obrigações do matrimônio, pensa em comprazer a sua esposa e de certa maneira tem dividido seu espírito. Esta doutrina foi a que povoou os desertos de anacoretas e os mosteiros de monges. Persuadidos da falibilidade das coisas do mundo e conhecendo que não temos nele pátria estável, mas que fomos criados para habitar na celestial Jerusalém, olharam com um santo desprezo todos os bens aparentes que em si encerra. Suas almas, instruídas pela sublime filosofia do Evangelho e fortalecidas com a graça de Jesus Cristo, chegaram a empreender aquelas ações heroicas que tanto têm dado que admirar aos partidários do mundo. Mas tudo isso é uma consequência precisa de estar firmemente persuadidos de que o desapego e desprezo das coisas temporais é uma das virtudes mais necessárias para a perfeição da vida cristã.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus.

Mateus 25,1-13

> **Latim:** [1] Tunc simile erit regnum cælorum decem virginibus : quæ accipientes lampades suas exierunt obviam sponso et sponsæ. [2] Quinque autem ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes : [3] sed quinque fatuæ, acceptis lampadibus, non sumpserunt oleum secum : [4] prudentes vero acceperunt oleum in vasis suis cum lampadibus. [5] Moram autem faciente sponso, dormitaverunt omnes et

> dormierunt. [6] Media autem nocte clamor factus est : Ecce sponsus venit, exite obviam ei. [7] Tunc surrexerunt omnes virgines illæ, et ornaverunt lampades suas. [8] Fatuæ autem sapientibus dixerunt : Date nobis de oleo vestro, quia lampades nostræ extinguuntur. [9] Responderunt prudentes, dicentes : Ne forte non sufficiat nobis, et vobis, ite potius ad vendentes, et emite vobis. [10] Dum autem irent emere, venit sponsus : et quæ paratæ erant, intraverunt cum eo ad nuptias, et clausa est janua. [11] Novissime vero veniunt et reliquæ virgines, dicentes : Domine, domine, aperi nobis. [12] At ille respondens, ait : Amen dico vobis, nescio vos. [13] Vigilate itaque, quia nescitis diem, neque horam.

Português: [1] ENTÃO será semelhante o reino dos ceos a dez virgens: que tomando as suas alampadas, sahirão a receber o esposo e a esposa. [2] Mas cinco de entre ellas erão loucas, e cinco prudentes: [3] as cinco porém que erão loucas, tomando as suas alampadas, não levarão azeite consigo: [4] mas as prudentes levárão azeite nas suas vasilhas juntamente com as alampadas. [5] E tardando o esposo, começárão a tosquenejar todas, e assim vierão a dormir. [6] Quando á meia noite se ouvio gritar: Eis-ahi vem o esposo, sahi a recebello. [7] Então se levantárão todas aquellas virgens, e preparárão as suas alampadas. [8] E disserão as fatuas ás prudentes: Dai-nos do vosso azeite: porque as nossas alampadas se apagão. [9] Respondêrão as prudentes, dizendo: Para que não succeda talvez faltar-nos elle a nós e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai o que haveis mister. [10] E em quanto ellas forão a comprallo, veio o esposo: e as que estavão apercebidas entrárão com elle a celebrar as vodas, e fechou-se a porta. [11] E por fim vierão tambem as outras virgens, dizendo: Senhor, Senhor, ábre-nos. [12] Mas elle respondendo, lhes disse: Na verdade vos digo que vos não conheço. [13] Vigiai pois, porque não sabeis o dia, nem a hora.

Meditação

Sobre a moderação dos afetos

Primeiro ponto

Considera a obrigação que tem todo cristão de moderar seus afetos, que não é menor que a mesma que o obriga a evitar os pecados.

Os afetos da alma, perturbados depois do pecado original, desviam-se do fim a que deviam endireitar-se se a natureza tivesse permanecido com aquela integridade e retidão com que foi criada por Deus. Assim, embora os afetos não sejam pecado, são uma ocasião de fazer o mal, são uma raiz enferma de onde não podem nascer senão frutos perniciosos e são, finalmente, uma ocasião que temos dentro de nós mesmos para viciar nossas ações. Por isso diz o Eclesiástico (Eclo 18): *Não te deixes levar de teus afetos e aparta-te de tua vontade, porque, se dás gosto a tua alma em todos os seus desejos, te fará presa de teus inimigos, os quais se alegrarão com tua perdição.*

O mesmo Deus, quando quis castigar os homens obcecados e rebeldes a sua santíssima vontade com um castigo o mais terrível que aplica sua justiça, deixou-os caminhar segundo os desejos de seu coração, como se diz na santa Escritura (Sl 80). Portanto tem obrigação o cristão de sujeitar e dominar os afetos naturais de sua alma, de viver numa perpétua guerra com eles, negando-lhes os objetos proibidos a que regularmente se dirigem e dirigindo-os segundo a lei santa de Deus à prática das virtudes. De outra maneira, é tal o ímpeto com que obram sobre nossa vontade que a precipitam nas paixões mais violentas e vergonhosas, fazendo que sejam pecaminosos em nós uns movimentos que, bem dirigidos, poderiam conseguir o caráter de virtudes. Os hábitos de nossa alma não são outra coisa que a continuada execução e prática de seus afetos. Por consequência, se estes se moderam, se se refreiam, se se sujeitam às santas leis que nos estabeleceu nosso legislador Jesus Cristo, serão uns hábitos de virtude que nos constituirão santos e agradáveis a nosso Deus; mas, se pelo contrário se condescende com eles, se se lhes lisonjeia e se lhes concedem os objetos proibidos a que se dirigem, engendrarão em nossa alma uns hábitos viciosos que nos inclinarão ao mal e nos farão objetos de ira para nosso Deus.

Reflete, depois de considerada esta doutrina, quão diferente é a conduta que segues em todas as operações de tua vida da que devias levar para lavrar tua salvação. Todos os males que choras, todas as adversidades de que te queixas, todas as amarguras que te tornam molesta a vida se originam regularmente de que não logras a satisfação completa dos afetos de tua alma. Isto te causa uma inquietação insuportável, isto te faz odioso a teus próximos e isto finalmente põe em tua boca umas queixas temerárias e blasfemas, ofensivas à providência de Deus. Se o Senhor, por um desígnio particular de sua divina misericórdia, amarga tua vida, dando-te nisto mesmo um paternal aviso de que vives num desterro, cercado por todas as partes de inimigos, e de que teus desejos devem encaminhar-se unicamente aos bens eternos, julgas-te por infeliz. Procuras por todos os meios safar-te das sábias medidas da divina sabedoria em ordem a tua salvação e nunca estás mais contente que quando logras ocasiões que realmente o deviam ser de tua tristeza e pranto. Homens insensatos, considerai que vossa natureza está enferma e viciada; que vossos afetos vos precipitam em vossa infelicidade; que a consecução de vossos desejos não é outra coisa que a obtenção de vossa desventura. Persuadi-vos de uma vez de que é uma guerra contínua a vida do homem sobre a terra e de que os inimigos mais poderosos e temíveis os tendes dentro de vosso coração e que por consequência necessitais viver numa contínua luta com vossos afetos, se desejais alcançar uma vitória que vos constitua em felicidade verdadeira.

Segundo ponto

Considera que, embora nossos afetos, viciados pelo pecado original, nos inclinem ao pecado, por cuja causa temos estreita obrigação de reprimi-los, com tudo isso não é tão difícil conseguir deles a vitória como nos costuma representar nossa imaginação temerosa e sobressaltada com o apego que temos às coisas deste mundo.

Deus nosso Senhor pôde ter dado à regeneração do batismo tanta virtude e eficácia que não somente nos libertasse do reato da culpa e da escravidão do demônio, mas que além disso deixasse nossa alma limpa da concupiscência rebelde e dos afetos perigosos que dela nascem. Mas o não tê-lo feito assim é um efeito particular de sua divina misericórdia, sempre atenta a

nosso maior bem. Deixou em nós estes afetos para dar lugar à batalha e com ela à vitória. Determinou dar a glória a seus eleitos, não só como herança naqueles que não experimentam a contradição das paixões, mas também dá-la como prêmio e coroa àqueles que, combatidos por todas as partes de suas mesmas paixões, chegaram a triunfar gloriosamente. Se depois desta determinação nos tivesse deixado com só nossas forças, não há dúvida de que nos seria impossível resistir ao poder e multidão de nossos obstinados inimigos. Nossa natureza, pois, debilitada, fraca, enferma e propensa de seu natural ao mal estaria na impossibilidade de vencer. Atendendo a este miserável estado, queixava-se São Paulo de que muitas vezes, conhecendo o bem e querendo-o, não chegava a executá-lo. Mas nosso misericordiosíssimo Deus, que nos deixou a contínua guerra de nossos afetos para ver-nos pelejar e para ter a complacência de ver-nos vencer, deu-nos assim mesmo armas tão poderosas que não se necessita mais que a cooperação de nossa vontade para lograr um completo triunfo.

A graça de Deus, que sempre está pronta a obrar conosco, é um meio tão poderoso para combater nossos afetos que, sempre que queiramos usar dela, nos dá as forças suficientes para vencer a nossos inimigos. Em todos os estados, em todos os tempos, em todas as circunstâncias temos pronta esta arma preciosa, contra a qual não podem subsistir nem a corrupção das paixões, nem os encantos do mundo, nem a astúcia de nossos invisíveis inimigos. Ela nos faz conhecer a amabilidade da virtude, o perigoso do vício, suas funestas consequências e os benefícios que nos resultam do vencimento de nossas paixões. A graça nos propõe a retidão da lei, a santidade de seus preceitos e a bondade de nosso Deus. Ela tira o véu com que se cobrem os males verdadeiros que nos oferece o mundo, mascarados com a aparência de felicidades e delícias. Ela atrai, incita e move nossa vontade com doçura, ilustra nosso entendimento, desterrando as trevas da ignorância, do erro e do engano, fazendo que descubra e conheça o bem verdadeiro e qualifique de males os que em realidade o são. Ela, finalmente, vigora e robustece nossa alma, dando-lhe forças não só para resistir a seus inimigos, mas para vencê-los e destruir seus artifícios. Todas estas admiráveis operações se efetuam em nós de uma maneira maravilhosa. O temor santo de Deus, os contínuos discursos e admoestações dos varões apostólicos, os bons exemplos de nossos irmãos, as mortes repentinas e casos funestos dos entregues aos delitos, os bens mesmos da natureza são outras tantas línguas com que a graça nos ensina, nos instrui, nos persuade e nos incita ao vencimento de nossos maus afetos. À vista disto, poderás queixar-te de outra coisa que de ti mesmo quando te deixas ser presa de tuas paixões? Poderás atribuir a estas tua perdição e teus delitos, quando não são outra coisa que um instrumento da misericórdia de Deus para fazer mais gloriosa tua vitória e mais completa tua ventura? Conhece, pois, que deves negar-te a ti mesmo, moderar e contradizer todos os teus afetos, tomar sobre teus ombros a cruz da mortificação e seguir deste modo a teu capitão Jesus Cristo.

Jaculatórias

> *Jussisti, Domine, et sic est, ut pœna sua sibi sit omnis animus inordinatus.* Santo Agostinho, *Confissões*, l. 1, cap. 12.

Vós, Senhor, quisestes que a mesma desordem de nossos afetos fosse a pena que castigasse nosso descuido em corrigi-los; e assim o experimentamos.

> *Non regnet peccatum in vestro mortali corpore.* Rm 6.

Não permitais, Deus meu, que nos deixemos dominar das durísimas leis do pecado, de maneira que tenhamos que obedecer a nossos apetites.

Propósitos

Lembra-te daquela promessa magnífica que fez Deus ao homem no capítulo quarto do Gênesis. Já havia caído o homem do estado de inocência em que havia sido criado. Todas as paixões se haviam levantado em tumulto contra ele. Caim olhava com inveja que as ofertas de seu irmão Abel fossem olhadas por Deus com olhos benignos. Entristecia-se e chegou até o extremo do abatimento. Vendo-o Deus neste estado, disse-lhe estas notáveis palavras: «Por que te enfadas? Por que se abate teu rosto? Porventura, se obrares bem, não receberás o prêmio, e, se mal, não terás imediatamente à tua porta o pecado? Mas o apetite dele estará em tua potestade, e tu terás nele domínio.» Estas palavras de verdade eterna te asseguram de que tens em tua mão o dominar teus afetos e contradizê-los sempre que se dirijam contra a vontade de teu Deus. Este Senhor não teria prometido com tanta caridade seu domínio se não tivesse uma firme vontade de auxiliar-te com sua graça. Confiado nestas augustas verdades, o mesmo São Paulo, que sentia o rebelde de suas paixões, assegurava com firmeza que nada havia neste mundo que fosse capaz de apartá-lo do amor de Jesus Cristo. Esta mesma persuasão deves pôr em tua alma, se queres conseguir uma moderação perfeita de teus afetos. O nascimento destes não está em nossa mão; os primeiros movimentos são ações indeliberadas de nossa alma, e assim por eles nem merecemos prêmio nem castigo. Mas ao instante imediato de sua existência devemos observá-los, devemos examinar sua tendência e seus fins e endireitar o que neles achássemos torcido e corrigir o que tivessem de errado. Isto necessita uma vigilância contínua, uma santa desconfiança de todas as nossas ações e um temor saudável de ofender a nosso Deus. Nas coisas, ao parecer mais inocentes, costuma esconder-se muitas vezes um humor vicioso que contamina nossos afetos. O amor dos filhos, do marido, da esposa, dos amigos e até das coisas necessárias à vida pode nascer ou de um amor viciado, isto é, de uma concupiscência puramente terrena, ou de um amor purificado. O distinguir uma coisa da outra, o precaver os perigos e prever as consequências funestas é a grande obra do cristão e o que lhe pode dar uma completa vitória de suas paixões e uma acertada direção de todos os seus afetos. A isto se devem reduzir neste dia teus propósitos para conseguir o fruto devido da leitura espiritual e da palavra de Deus que nela ouviste.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:50:29 by Admin
Updated 20 November 2026 20:50:29 by Admin